

## **Roupa combina com catástrofe: reflexões sobre a indústria da moda por meio de seus processos históricos**

*Clothing matches with catastrophe: reflections on the fashion industry through its historical processes*

**MIGUEL LUCIO DOS REIS**

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

**Resumo:** Pode uma peça de roupa representar uma catástrofe? Um estudo bibliográfico, este artigo aborda os processos históricos da indústria de moda, sobretudo a aceleração na produção durante as últimas décadas e a criação das populares redes de *fast fashion*, moda rápida, em tradução livre. Conhecidas pelos preços baixos, as manufaturas em larga escala forçaram a descentralização da indústria, terceirizando a produção para países considerados subdesenvolvidos, abundantes de mão de obra barata. Na sequência, o artigo reflete, de forma dialógica, sobre questões de gênero, raça social, território, trabalho, classe e violências múltiplas entrelaçadas, entretecidas – elementos que estruturam a cadeia produtiva da moda no contemporâneo. Nessa lógica, a catástrofe no mundo do vestuário se apresenta como crises locais, tragédias vivenciadas especialmente por populações do chamado sul global, consideradas dissidentes, mas parcela significativa para a consolidação da moda rápida na virada do século XXI. Esta pesquisa foi produzida a partir do levantamento de trabalhos acadêmicos recentes que dialogam com o universo temático da moda, principalmente sua relação com a história e algumas de suas transformações temporais.

**Palavras-chave:** Moda; Indústria têxtil; *Fast fashion*; História.

**Abstract:** *Can a piece of clothing represent a catastrophe? A bibliographic study, this article addresses the historical processes of the fashion industry, especially the acceleration in production during the last decades and the creation of popular fast fashion chains. Known for their low prices, large-scale manufacturing forced the decentralization of the industry, outsourcing production to countries considered underdeveloped, abundant in cheap labor. The article then reflects, in a dialogic way, on issues of gender, social race, territory, work, class and multiple intertwined, interwoven violence – elements that structure the fashion production chain in the contemporary world. In this logic, the catastrophe in the world of clothing presents itself as local crises, tragedies experienced especially by populations of the so-called global south, considered dissidents, but a significant part of the consolidation of fast fashion at the turn of the 21st century. This research was produced based on a survey of recent academic works that dialogue with the thematic universe of fashion, mainly its relationship with history and some of its temporal transformations.*

**Keywords:** *Fashion; Textile industry; Fast fashion; History.*

## Introdução

Em busca de um título para este artigo, termos como desastre, emergência, crise ou catástrofe brotaram na medida em que parte da pesquisa bibliográfica era composta. Possivelmente, essas palavras iniciais, ainda que constituídas de diferenças etimológicas e significados próprios, indicam desequilíbrios sociais. Embora o nosso contato cotidiano com jornais, notícias, mídias digitais e outros veículos de comunicação tenda a contemplação de tragédias como efeitos de fenômenos naturais – condição que mascara e desresponsabiliza o empenho da ação humana – é preciso considerar que boa parte das catástrofes correspondem à causa e consequência de relações sociais, de irregulares estruturas de poder econômico e político e, dos nossos processos culturais. Nessa reflexão, a indústria da moda, isto é, parte fundamental da cultura social e do mundo do trabalho, se torna um importante veículo de observação da trama histórica, fortalecendo repetidas crises socioambientais, evidenciando catástrofes.

Segundo a teórica espanhola Renedo (2008), as diferenças conceituais entre acidente e catástrofe passam pelo número de vítimas impactadas, a capacidade de reação das pessoas e os prejuízos causados em diferentes frentes, como a ambiental, social, econômica ou política. Terremotos, tsunamis, furacões, chuvas fortes, seca e outros eventos climáticos adversos podem ser pensados aqui. Na mesma medida, guerras, conflitos religiosos ou confrontos políticos. Essas emergências podem ser consideradas como crises sociais, ou seja, processos violentos ou nocivos construídos entre seres humanos. A catástrofe, isto é, uma situação de estresse coletivo (Renedo, 2008), pode ser considerada o efeito de crises crônicas, conjuntura com o poder de revirar a vida de comunidades inteiras, afetando crenças, tradições e formas de sociabilização locais. Além disso, fomenta a desigualdade e as violências de toda ordem, obrigando que uma parcela simplesmente se adapte, ainda que não possua ferramentas ou instrumentos para prosseguir. As catástrofes também revelam muito das espinhosas experiências sociais de grupos historicamente marginalizados, como aqueles considerados emergentes ou subdesenvolvidos, os do sul global, por exemplo.

Do grego, catástrofe está relacionada à ideia de algo que cai ou se divide (Cruz, 2003). Esse trauma ou encerramento são, habitualmente, tratados como a força da natureza – elementos de uma mesma narrativa que mistura questões do mundo social com altas cargas de referências mitológicas, religiosas ou sobrenaturais. Apesar disso, poucos são os aspectos que distanciam os eventos catastróficos naturais das crises humanas,

levando em consideração o impacto dos nossos processos socioculturais, políticos e econômicos na saúde do planeta (Carvalho e colaboradores, 2021, p. 05). Daí, nasceu o título deste artigo, quer dizer, da ideia central de que a indústria da moda combina, ou desfila de mãos dadas, com a catástrofe, especialmente em tempos marcados pela aceleração dos processos de confecção das roupas, das diferentes formas de poluição e degradação do ambiente, além das consequências nocivas nas vidas dos trabalhadores, muitos em situação análoga à escravidão. Isso sem esquecer da saúde mental dos consumidores, ávidos por novas tendências e pelo pertencimento social.

**Figura 1** - Edifício Rana Plaza, em Daca, capital de Bangladesh (2013)



**Fonte:** Fotografia de Munir Uz Zaman, Picture Alliance, AFP e DPA/A, Abdullah, Bangladesh, 2013.

Em abril de 2013, o edifício Rana Plaza desabou em Daca (Figura 1), capital de Bangladesh, país na Ásia Meridional, próximo da Índia. Localizado na zona periférica da cidade, o prédio abrigava fábricas têxteis, popularmente conhecidas como *facções*, outras empresas voltadas para o mercado de moda e um centro comercial. Boa parte das peças produzidas no Rana Plaza abasteciam as redes de grandes varejistas do ocidente, como a *H&M*, empresa multinacional sueca de moda. O desastre, vitimou 1.138 pessoas e feriu outras mais de 2.500, muitas dessas convivendo com sequelas, amputações ou doenças causadas pelo desabamento desde então. Os impactos foram maiores para mulheres e crianças, a maioria afetada pelo acidente. A informação é importante porque também dá

o tom para a catástrofe no mundo da moda, isto é, das relações de poder construídas em torno do gênero dentro dessa indústria, refletidas mais adiante neste trabalho. O desabamento ganhou certa repercussão midiática e desencadeou uma série de questionamentos e críticas ao sistema de produção atual, como no documentário *The True Cost* (2015), do diretor americano Andrew Morgan. Ou ainda, no *Fashion Revolution*, movimento global defensor de maior transparência na cadeia de abastecimento da moda.

**Figura 2** - Deserto do Atacama, região norte do Chile (2021)



**Fonte:** Fotografia de Martin Bernetti, AFP, Chile, 2021.

Oito anos depois, em 2021, as fotografias de Martin Bernetti (Figura 2), fotojornalista peruano, circularam globalmente, especialmente na rede Instagram, provocando a observação de parte dos usuários. Nelas, são encontrados registros do Deserto do Atacama, região turística no norte do Chile, fronteira com o Peru. A paisagem habitual, conhecida por seus vulcões, salares, dunas, lagoas termais, cânions e montanhas, é substituída por pilhas gigantescas de roupas, sapatos, bolsas e acessórios – uma espécie de cemitério têxtil. O descarte de peças e produtos da indústria da moda vem se tornando pauta recorrente, ainda que o fenômeno não seja tão novo. Vindas de lugares como os Estados Unidos ou países europeus, as roupas são desprezadas em lugares considerados subdesenvolvidos, principalmente em territórios sul-americanos, no continente africano

e em algumas regiões asiáticas. Nos registros de Bernetti, é possível visualizar pessoas escolhendo e coletando esses descartes para futura comercialização em mercados de venda de segunda mão, comércio amplamente conhecido no Chile.

Se as imagens são capazes “[...] de ideações”, capazes “de suscitar ideias” (Samain, 2012, p. 35), é possível pensar nas fotografias apresentadas nesta introdução a partir da rede temporal que as conectam, isto é, dos processos catastróficos gerados pela indústria de moda. Em uma, estamos mais próximos do começo da produção, no lugar da manufatura. Máquinas, linhas, agulhas e o esforço humano transformam tecidos em roupas. Na outra, observamos o destino final da fabricação, com montes de peças que disputam o horizonte no Atacama. Entre as duas imagens, processos nocivos. Ambientais, porque impactam no desmatamento constante, na poluição e uso exagerado de recursos hídricos, na contaminação do ar e do solo, levando em consideração que muitas roupas são produzidas a partir do poliéster, derivado do petróleo, tecido de lenta e prejudicial desintegração, como na liberação de microplásticos. Na mesma medida, sociais, porque afetam negativamente a vida de comunidades inteiras, especificamente das trabalhadoras e trabalhadores expostos durante todos esses processos. As fotografias, igualmente catastróficas, apresentam parte desses efeitos, de forma contínua e conectada, ainda que em lugares opostos do planeta.

Nessa perspectiva, “não é possível pensar a imagem se não a situarmos no sistema no qual ela está conectada: nosso cérebro, o contexto, a própria imagem, aquele que a fez, aquele que a contempla, num tempo e num espaço históricos e a-históricos” (Samain, 2012, p. 34). Isso significa pensar na possibilidade de conexão entre elas, do começo da produção nas fábricas de Bangladesh, até o destino final das peças não comercializadas, descartadas em territórios chilenos. Em outras palavras, as fotografias, como espaços do sensível, provocam a percepção de um percurso de produção nocivo, do começo ao final do processo têxtil. Pode então uma peça de roupa representar uma catástrofe? Um estudo bibliográfico, este artigo aborda os processos históricos da indústria de moda, sobretudo a aceleração na produção durante as últimas décadas e na criação das populares redes de *fast fashion*. Depois, reflete, de forma dialógica, sobre questões de gênero, território, trabalho e violências múltiplas entrelaçadas, entretecidas – elementos que estruturam a cadeia produtiva de moda na atualidade.

## **Moda, história, consumo e mundo do trabalho: transformações importantes**

Se a introdução deste trabalho falou mais da concepção de catástrofe, é preciso resgatar outra palavra fundamental para construção deste artigo, a roupa. Demarcadora de relações sociais, desde muito cedo a indumentária foi projetada para proteger o corpo. Conforto contra as adversidades da natureza, mas ao mesmo tempo, proteção divina e espiritual contra um mundo incerto. Ela também serviu às narrativas de pudor e de dignidade, uma forma de resguardar o corpo do olhar do outro – tudo isso em tempos de institucionalização da religião, especialmente do cristianismo (Barthes, 2005). Além disso, a roupa adornou e produziu construções históricas de poder. Não por acaso, coroas, sapatos de salto alto, mantos, joias, ternos, uniformes, cores e tecidos sempre nos lembraram da marcação de determinados lugares sociais, no ontem e no hoje. Ainda que parte intrínseca da vida humana, é preciso atentar que a roupa não faz parte de um elemento natural, inato da espécie. É uma construção cultural, baseada em práticas de significação e simbolização social.

Como produto e produtora de seu tempo, a moda também carece de um diálogo com a história. Sabe-se que a Revolução Industrial, período iniciado na Inglaterra do século XVIII, transformou por completo as formas de se produzir, comercializar e consumir mercadorias. Do doméstico, rural e familiar para o industrial, urbano e global. A partir daí, “a produção linear de bens de consumo permitiu o florescimento do capitalismo, possibilitando o acesso global a uma produção massiva de bens” (Souza, 2018, p. 73). Essa transição também forçou novas relações ambientais e sociais, especialmente no campo do trabalho, elaborando uma relação inédita entre capital e modo de produção (Hobsbawm, 2014). Mais acelerada, a manufatura têxtil passou a depender de “grandes quantidades de energia e de matérias-primas baratas e de fácil acesso, causando diversos danos sociais, como exploração da mão de obra, muitas vezes infantil [...]” (Souza, 2018, p. 73) – processo que transformou a produção em larga escala sinônimo de “salários baixos, horas em excesso e instalações fabris inadequadas” (Souza, 2018, p. 73).

Segundo Dulci (2015), socióloga brasileira, o desenvolvimento acelerado da indústria de moda é melhor compreendido pelo fenômeno do consumo de massa, principalmente entre a passagem do século XIX e XX. A autora considera o consumo como um processo dialético, isto é, indústria e consumidores afetam e são afetadas pelas mudanças nas necessidades sociais, na simbolização de novos desejos, práticas,

tendências e demanda por pertencimento social – fatores que transformaram o mercado de moda em antídoto correspondente dessas transformações (Dulci, 2015). O chamado “estilo de vida americano”, por exemplo, expressão construída no período posterior da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a partir da década de 1920, pautou a projeção de uma vida saudável e feliz por meio da aquisição de novos produtos, como as peças de roupas – aspecto que fortaleceu a aceleração da relação desmedida com o capital e a produção de bens de consumo.

Durante o século XX, a industrialização também forçou novas práticas fabris para aumento da produtividade e dos lucros. Exemplos desse período são os modelos tayloristas e fordistas que visavam a observação sistemática dos operários com o objetivo de eliminar gestos, movimentos e atividades que ocupavam o tempo durante a jornada de trabalho, impactando negativamente na produção. Com o propósito de otimizar tarefas cotidianas dentro das fábricas ou elaborar linhas de montagem de produtos em massa, esses modelos industriais transformaram profundamente as relações trabalhistas. Aqui, o que cabe pontuar é como a indústria têxtil antecipou a formulação desses novos sistemas produtivos, seja nas discussões em torno da carga horária, ou expediente de trabalho, até mesmo na difusão intensiva de maquinários para obtenção de altos níveis de produtividade (Paço Cunha; Guedes, 2021).

Da metade para o final do século XX, mais um salto temporal, o novo e crescente volume de produção resultou no exercício constante da concorrência no mercado, elemento importante para a consolidação do capitalismo. Com um setor acirrado, critérios como relações humanas ou a qualidade das mercadorias deram lugar para a competitividade entre as gestões das fábricas, facções e marcas de moda. “A ordem mercadológica é a redução de custos e a produção está totalmente voltada para o mercado, onde a exigência primordial é a rapidez no atendimento da demanda em tempo recorde” (Refosco; Pessoa, 2013, p. 11). Nessa perspectiva, a industrialização ocidental também atravessou fronteiras, terceirizando seus meios de produção do vestuário para países considerados subdesenvolvidos, sobretudo no oriente e na parte sul do planeta – ações da chamada globalização, isto é, do processo de expansão das corporações, de intensificação de acúmulo do capital e diversificação do sistema produtivo.

Por efeito, “a produção de mercadorias é terceirizada para economias de baixo custo, principalmente para onde os salários são extremamente baixos”, gerando um profundo “[...] corte de gastos e desrespeito às medidas de segurança nas confecções locais, que tentam sobreviver com a alta competitividade entre si” (Paixão; Kanamaru,

2017, p. 02). Essa trama social fez do mercado de moda um dos principais setores responsáveis pelo consumo exagerado (Berlim, 2016). Na mesma medida, pelo desmatamento e acúmulo de resíduos poluentes no solo, água e ar. Isso significa pensar como a própria moda, aparentemente vista como um assunto secundário ou banal, foi, e ainda é, agente direto no fortalecimento do sistema econômico vigente, estrutura que fomenta desequilíbrios e violências, de toda ordem. Paradoxalmente, o baixo valor dos produtos caminha em direção oposta ao alto custo de produção, confecção, importação e exportação das roupas – elemento que torna a indústria da moda um espaço privilegiado para compreensão das nossas desigualdades sociais.

Um braço importante da cultura, a moda também elabora e recria normas, padrões e regras em sociedade. Nesse sentido, é possível pensar nas tendências do vestuário, por exemplo, como ideais de unificação e padronização da indústria. Afinal, como fazer que pessoas de grupos diferentes, sejam eles territoriais, de gênero, classe ou geração, se encontrem em provadores espalhados pelo mundo a partir do desejo de uma mesma peça em voga? Imperialista, a concepção de uma moda global, florescente na virada do século XXI, como um mercado que atenda a expectativa do grande público pode ser até ilusória ou simbólica teoricamente (Sodré, 2003), mas atende interesses econômicos mais profundos, utilizando “[...] da venda das mesmas mercadorias no mundo todo, sem se ater a particularidades locais, já que acredita que com a globalização da informação houve uma aculturação mundial, transformando os gostos em globais” (Delgado, 2008, p. 05) – atualizações industriais do setor nas últimas décadas.

Para Lipovetsky (2009), filósofo francês, a sociedade de consumo fundada no final do século XX é marcada pela superabundância de mercadorias e serviços, centrada pelo culto e fetichismo diante dos objetos materiais. Assim, a indústria da moda é a que melhor define o conceito de sociedade de consumo (Lipovetsky, 2009), pensando em como a renovação de tendências do vestuário acelerou o consumo, ao mesmo tempo que também acentuou a apatia social diante da desigualdade, isto é, “como se somente o mercado pudesse aglutinar o que se convencionou chamar de organização societária” (Moraes, 2003, p. 188). Nessa lógica, cabe às empresas grandes investimentos na própria imagem, na pesquisa de barateamento dos custos e no lançamento incessante de produtos que conquistem o público e conservem a estrutura projetada para produção em larga escala e acumulação do capital.

Todo este processo, desigual por fundamento e essência, pode ser melhor compreendido através da criação das redes de *fast fashion*, moda rápida, em tradução

livre. Baseadas na alta produtividade e na terceirização da confecção, esse modelo de negócio nasce no final do século XX, a partir de 1990 (Delgado, 2008), sintetizando o futuro da moda, naquele contexto. Altamente lucrativos, os conglomerados de moda rápida seguem a lógica de custo e benefício, investimentos em esquemas globais de mão de obra barata, terceirizações, alta demanda de comercialização e faturamento desmedido. Ainda que seus métodos e práticas possam assombrar os consumidores mais atentos, as *fast fashion* se tornaram bastante populares nos últimos anos, consideradas indispensáveis nos grandes centros urbanos ou estabelecimentos comerciais, como os *shoppings centers*. Nelas, itens do vestuário são acessados em baixo custo, ainda que esse termo possa ser debatido. Além disso, são procuradas por concentrarem peças de tendência e lançamentos frequentes – aspectos que colocam a moda como veículo de pertencimento social. Afinal, em uma sociedade do consumo, obter algo material se tornou sinônimo de ser alguém, ou seja, ter pode se vestir de ser.

### **Moda rápida, ou, quem tem medo da *fast fashion*?**

Falar sobre *fast fashion* pode ser um assunto espinhoso, especialmente porque qualquer pessoa compra, comprou ou ainda comprará uma peça de roupa por meio dessas grandes varejistas. Em uma sociedade que se construiu simbolicamente a partir do vestuário, adquirir uma calça jeans para o trabalho, uma camiseta que estampa a banda ou série favorita, o vestido para o evento especial ou o novo acessório do momento, tornam as saídas para contornar o consumo nas redes de moda rápida altamente limitadas. Toda a vida social gira em torno de processos humanos de simbolização e significação. O vestuário, neste sentido, desperta e toma o tempo do sujeito histórico, indivíduo que se comunica a partir e com a própria roupa – comunicação individual, mas igualmente coletiva, pois trata de aspectos culturais, espaciais, temporais e geracionais de grupos específicos.

Ainda que intrincadas ao cotidiano, as *fast fashion* exigem um certo estranhamento e desnaturalização de seus processos, parte do exercício historiográfico deste artigo. A princípio, o modelo de moda rápida surge como uma alternativa da indústria neoliberal para acompanhar a aceleração da demanda e do consumo globalizado. O termo americano é capaz de sintetizar as complexas atualizações industriais da virada do século XXI, na medida em que não só as fábricas se transformaram, mas também a sociedade. Em finais de 1990, a expressão foi criada pela mídia para tratar da aceleração

da produção de marcas como *Zara* e *H&M*, redes de lojas de roupas e acessórios (Delgado, 2008). Para oferecer novidades constantes, o processo de mercado globalizado encurtou e acelerou a forma de produção têxtil, rompendo com os ciclos sazonais da moda tradicional. Nessa configuração mais acelerada, as coleções de moda foram reformuladas. Antes, eram caracterizadas por poucas séries anuais, predominantemente duas, relacionadas às estações do ano, como primavera-verão e outono-inverno. Agora, as grandes coleções de moda são substituídas e fragmentadas em lançamentos semanais, pautadas em novas tendências que impulsionam o consumo entre os compradores.

Essas transformações estimulam que seus varejistas, empresários e acionistas invistam, cada vez mais, na redução de custos visando o aumento da receita. Essa posição impacta diretamente em outras questões importantes, como a vida dos trabalhadores da indústria, a demanda por recursos naturais, as consequências desses resíduos gerados e a qualidade final desses produtos. Ainda assim, o sistema *fast fashion* criou mecanismos para sobreviver ao mercado competitivo, projetando crescimentos exorbitantes no mercado de moda, mesmo que esse desenvolvimento não caminhe junto com a proteção dos direitos fundamentais, nem mesmo da preservação ambiental – pautas conflitantes em um sistema econômico que despreza a parcela significativa que trabalha, consome e estrutura seu próprio funcionamento.

A consequência dessa estratégia imediatista de giro das novidades e tendências do mercado de moda, pode ser observada na Figura 2 deste trabalho, na introdução. Montanhas de roupas não absorvidas são descartadas para dar lugar a outras novas, um movimento destrutivo de autoalimentação. Nesse sentido, o lixão têxtil do Atacama revela pouca, ou nenhuma, fiscalização e legislação sobre a insustentabilidade no mundo da moda (Costa; Zaneti, 2022). Além disso, indica o destino dessas roupas, lançadas em países como o Chile, Índia e Gana – regiões com intensa atividade portuária, importantes rotas comerciais, baixos impostos e parca regularização (Costa; Zaneti, 2022). Serviços como a venda de segunda mão ou o contrabando de peças grifadas surgem como “oportunidade” para os locais. Ainda assim, os danos sociais e ambientais são maiores, especialmente na poluição dos recursos hídricos e na toxicidade do ar.

Do mesmo modo, a moda rápida também precariza o mundo do trabalho, sobretudo a vida das trabalhadoras e trabalhadores do setor. Em busca da diminuição de despesas, a produção foi descentralizada para países considerados subdesenvolvidos, com mão de obra abundante e barata. Na produção, os trabalhadores são expostos a ambientes insalubres, degradantes condições de trabalho, pouca segurança durante as funções e

infraestrutura inadequada. As grandes empresas utilizam das terceirizações para extinguir vínculos trabalhistas, instrumentalizam a fragilidade na aplicação das legislações, tornam os trabalhadores submissos às precarizações e ao abandono legislativo do Estado, tendo seus direitos básicos não garantidos. Exemplo desse processo pode ser observado em *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), filme brasileiro de Marcelo Gomes. O longa trata da vida operária em Toritama, município do estado de Pernambuco, famosa pela produção de jeans. Nas chamadas facções, os operários forjam uma espécie de liberdade empresarial, dado o contexto de produção em alta demanda. Contudo, os baixos salários e a precarização do trabalho explicitam a face mais cruel da indústria.

Igualmente, a Figura 1 desta pesquisa apresenta a fotografia do desabamento do edifício Rana Plaza, em Bangladesh. Na imagem, a destruição de um prédio que abrigava fábricas têxteis indica muito das relações humanas construídas no mercado da moda. Jornadas exaustivas, pouca remuneração, ambientes capazes de comprometer a saúde física e mental, cerceamento ou poder de escolha inexistente tornam a moda rápida uma espécie de fábrica de suor contemporânea. O termo é mais antigo, datado por volta da metade do século XIX, na Inglaterra industrial. Depois, foi reutilizado nos Estados Unidos em fins do século XX, a partir do movimento de produção em larga escala (Paixão; Kanamaru, 2017). Reaparece na atualidade para caracterizar as precarizações trabalhistas do ontem e do hoje. Violências múltiplas causadas pelo aumento exponencial da industrialização e da produção massiva de bens de consumo, como a fabricação de roupas.

O ambiente de abuso segue em cadeia e se torna estrutural, tendo em vista que os donos das facções terceirizadas também se tornam reféns das metas e escolhas das grandes corporações do ocidente. Desse modo, “nações em desenvolvimento anseiam pelos negócios ofertados por grandes empresas e, por causa da ameaça constante de mudança de produção para outros países, o governo evita a execução das leis de trabalhos locais” (Paixão; Kanamaru, 2017, p. 05). A descentralização produtiva também impede maior transparência na indústria, já que diversos produtos e peças podem ser confeccionados em lugares diferentes do planeta. Nesse sentido, as terceirizações podem ser compreendidas por uma tríade, ou seja, mão de obra abundante e barata, regulamentação trabalhista ineficaz e possibilidade, da parte das grandes redes, de manter acordos ou negócios clandestinos, sem transparência.

Produtora de precariedade, essa descentralização implica negativamente na tentativa de responsabilização pelas atividades impostas, já que a produção global tornou

a fiscalização local mais restritiva ou ineficiente. Em outras palavras, é cada vez mais difícil rastrear os percursos de produção de uma empresa que terceiriza sua manufatura para outros países, tanto como responsabilizar os envolvidos no sistema. Problemática que vale, inclusive, para os danos ambientais gerados pelas ações nocivas da indústria têxtil, desde o uso abusivo dos recursos naturais até o descarte de resíduos e das roupas que não foram comercializadas, consequência direta do consumo inconsciente. Prejudiciais, as etapas de produção e confecção das roupas oferecem riscos não somente ao solo, ar e água, como também afeta diretamente a saúde das pessoas envolvidas e nas comunidades em torno dessas plantações e fábricas. O uso de pesticidas nas plantações, por exemplo, pode impactar a vida e o trabalho de comunidades inteiras.

*The True Cost* (2015), documentário de Andrew Morgan, diretor americano, apresenta alguns desses problemas iniciais, diretamente com o plantio da matéria-prima – reflexão que aponta desequilíbrios e arbitrariedades do mercado de moda nos mais variados processos. O algodão precisou ser adequado para um sistema de exploração excessivo, atualmente geneticamente modificado. Esse processo exploratório desencadeia um ciclo vicioso, onde se amplia excessivamente o número de plantações de algodão modificado, exigindo uma demanda maior por consumo de água e pesticidas. No longa, o diretor apresenta a cidade de Punjab, localizada na Índia, uma das maiores produtoras de algodão do mundo. Como efeito, a cidade lidera o número de casos de pessoas doentes atingidas pela cadeia produtiva no campo, como cânceres de vários tipos, doenças de pele e transtornos psicológicos, inclusive nas crianças e recém-nascidos.

Outro tipo de produção, a confecção de couro também é destaque quando se fala em riscos ambientais e saúde da população. A produção do gado, de onde se extrai a pele, acarreta uma série de disfunções pelo uso inadequado dos recursos não renováveis. Na mesma medida, trabalhadores manuseiam reagentes químicos altamente tóxicos, sem equipamentos adequados e pouca segurança do trabalho. Além disso, “a indústria têxtil mundial descarta entre 40 e 50 mil toneladas de corantes em rios e riachos” (Lee, 2009, p. 87). Os resíduos gerados na curtição do couro e em seu tingimento são lançados, sem tratamento prévio, contaminando as fontes hídricas e colocando em risco a existência de diversas espécies da fauna e flora locais.

Se a moda rápida combina com a catástrofe socioambiental, é possível citar os problemas com a água, “devido ao beneficiamento e tingimento dos materiais” (Souza; Emidio, 2015, p. 28). Na mesma medida, aos desajustes atmosféricos, onde “as indústrias têxteis geralmente lançam ao ar grandes quantidades de gases poluentes, como dióxido

de carbono e metano” (Souza; Emidio, 2015, p. 28). Questões com a terra, levando em consideração que “os resíduos sólidos ocasionam prejuízos à natureza, assim como infiltração de águas contaminadas” (Souza; Emidio, 2015, p. 28). Ou ainda, aos problemas contemporâneos, como “a produção de materiais demanda uma grande quantidade de energia e gera muito calor, o que eliminará o sistema de condicionamento natural” (Souza; Emidio, 2015, p. 28) – desordens relativas ao aquecimento global ou efeito estufa. Nessa perspectiva, a produção têxtil está intimamente ligada com a atual questão da insustentabilidade ambiental, “pois causa escassez de matéria não renovável, geração de resíduos e contribui para as mudanças climáticas” (Schulte e colaboradores, 2013, p. 201).

Somados aos impactos ambientais e no mundo do trabalho, estão também os danos causados aos consumidores. Entre os fatores que levam as pessoas ao consumo nas lojas de *fast fashion* estão a variedade de produtos e modelos diversos, o baixo preço das mercadorias e a facilidade de acesso, uma vez que são encontradas em centros comerciais, inclusive em lojas online. Mesmo sendo agente expressivo da ascensão da moda rápida, parte do público não tem consciência da estrutura por trás do mercado, nem percebem as influências do marketing publicitário desses grandes varejistas. O estímulo à aquisição de novos produtos sustenta a ideia de uma insatisfação pessoal – elemento que impulsiona o consumo desenfreado. Ao adquirir, o consumidor nutre uma sensação de acesso e pertencimento social, levando em consideração que o poder de consumir pode ser considerado uma relação histórica de poder. Um ciclo vicioso, o consumismo traz impactos negativos ao sujeito, como depressão, ansiedade, disforia e outras síndromes mentais, especialmente em tempos de consolidação das redes sociais digitais. Assim, “o consumismo parece ser, atualmente, a principal mola propulsora de um movimento que necessita de regeneração constante, justamente para estimular mais vendas, aquisições de produtos muito similares em curto intervalo de tempo” (Dulci, 2015, p. 12).

Antes do fim, é preciso destacar que o mercado da moda rápida deixa diversos rastros danosos em toda a cadeia produtiva. Na lógica neoliberal, fundamento dominante da indústria, esses danos são desconsiderados. Não por acaso, problemas graves como o trabalho análogo à escravidão ou questões de insustentabilidade ambiental despontam como temas emergentes do contemporâneo. Surgido na passagem para o século XXI, o modelo de *fast fashion* privilegia a aceleração da manufatura, ao mesmo tempo que força o consumo de mais produtos, de forma desenfreada. Nesse processo, o mundo do trabalho foi precarizado com o objetivo de reduzir custos e aumentar as receitas das grandes

corporações. Se uma roupa não brota pronta de um cabide, naturalizamos as violências do mercado da moda, esquecendo que a produção dessas peças é parte inseparável do esforço humano e do desgaste ambiental. Consumidores, igualmente adoecidos e mais pobres, seguem apáticos ao processo de produção do vestuário – uma estrutura desigual e nociva, em todos os aspectos possíveis. Diante da tragédia socioambiental, pode uma roupa representar a catástrofe?

### **Roupa combina com catástrofe: reflexões sobre a indústria da moda e o contemporâneo**

Ainda que tratado como um tema secundário ou de pouca relevância, o mercado da moda revela boa parte das nossas violências fundadoras. Em outras palavras, a indústria têxtil evidencia muito da estrutura capitalista de poder, como nas desiguais relações étnico-raciais, de classe e gênero. Sociedades humanas construíram, e constroem incessantemente, sistemas complexos de simbolização e significação através das roupas (Barnard, 2005). Isso significa pensar que o tema não é desnecessário ou menos importante, mas fundamental para compreender as catástrofes do contemporâneo. À primeira vista, banal, supérflua ou frívola, mas em profundidade, demarcadora da diferença, um dispositivo importante de poder. Nessa perspectiva, injustiças socioambientais do mercado da moda se encontram entrecruzadas, entretecidas – tramas de um mesmo projeto.

Relações transpassadas, a moda combina com gênero, isto é, de uma ocidentalidade que construiu papéis bem definidos para homens e mulheres. Não se trata de encontrar a gênese da diferença, mas de refletir sobre a posição que mulheres ocupam dentro da indústria têxtil. No chão das fábricas, costuram, recortam, modelam, lavam, tingem ou bordam. Ainda assim, é difícil encontrá-las em cargos de chefia dentro das grandes corporações, como nas redes de *fast fashion*. Isso significa pensar que mulheres estão na base dessa estrutura de produção. Esforço máximo, retorno mínimo. Da mesma forma, quando tratamos do mercado consumidor, a moda se torna sinônimo de “coisa de mulher”, feita expressivamente para atender as consideradas necessidades femininas. Não por acaso, produtos “para mulheres” podem ter um valor agregado mais alto em comparação com produtos “para homens”. Igualmente, se são a base de produção e a parcela significativa na mira de publicidades, coações mercadológicas e novos-velhos

padrões de beleza, também se tornam mais propensas para o desenvolvimento de doenças físicas e psicopatologias.

A moda também combina com território, afinal, não há aleatoriedade para que prédios desabem com trabalhadoras no oriente, nem que montanhas de roupas sejam descartadas no sul americano. A partir das descentralizações industriais que terceirizaram a produção têxtil nas últimas décadas, é possível pensar que a procura por mão de obra barata e abundante foi fundamental para a consolidação do modelo de moda rápida. Com baixa fiscalização ou pouca regulamentação, esses países também se tornaram prisioneiros de um contemporâneo modo imperialista de produção. Nações consideradas emergentes no século XX ainda perduram na atualidade como países subdesenvolvidos ou atrasados – imaginário baseado em práticas violentas de relação com o outro, aquele visto como dissemelhante. Costurados em conjunto, elementos como a moda, gênero, raça social, classe e território formam uma peça reveladora da catástrofe humana e ambiental, superfície para difusão do trabalho análogo à escravidão ou do agravamento de problemas ambientais, como a emissão de gás carbônico na atmosfera.

A catástrofe evoca um acontecimento de grande impacto, diferente de um acidente ou tragédia, vistos como ocorrências locais (Carvalho e colaboradores, 2021). Por essa perspectiva, a moda combina com catástrofe, levando em consideração que a produção em larga escala, cada vez mais acelerada, oferece inúmeros riscos e danos, do começo ao final da produção, inclusive depois da compra. A ideia de catástrofe também sugere trauma, rompimento ou a morte de alguma coisa. Igualmente, “uma espécie de suspensão violenta de um determinado mundo possível, em que modos históricos de ver o tempo e o mundo entrariam em colapso e os esforços para lidar com as transformações da ação se esgotam” (Carvalho e colaboradores, 2021, p. 09). Diante dela, encontramos fronteiras para geração de atitudes, “a interdição ou a suspensão momentânea da ação” (Carvalho e colaboradores, 2021, p. 09). Ainda assim, “a catástrofe não se configura como um fim, mas, ao contrário, exige superação, impondo a urgência e a necessidade da ação, como parte do trabalho de construção de um outro, um novo mundo possível” (Carvalho e colaboradores 2021, p. 09).

Desafiador, que possamos construir um outro tipo de alteridade diante da moda, baseada em uma relação mais humana – exercício complexo diante de uma política global baseada na necropolítica (Mbembe, 2018), isto é, na desumanização de grupos historicamente marginalizados, considerados dissidentes. Uma pulsão de morte no mesmo momento do nascimento de novas práticas científicas e tecnológicas da virada do

século XXI. O auge da tecnologia têxtil também representou muito do fracasso humano, ou seja, um progresso que não se configurou na forma linear ou evolutiva, mas se apresenta como processos intrincados, fortalecendo desigualdades e violências estruturais contra as populações mais pobres do mundo. Um processo em curso, a relação entre moda e catástrofe indicam a elasticidade do capitalismo, em constante mutação, recriando diferenças e impondo processos de desigualdade social.

Nesse sentido, a indústria da moda concentra transformações importantes em torno do mundo do trabalho ou das relações insustentáveis com o meio ambiente – estrutura que devolve a reflexão de um sistema catastrófico. Uma pesquisa bibliográfica, este artigo foi produzido a partir do levantamento de trabalhos acadêmicos, como artigos, pesquisas apresentadas em eventos científicos, capítulos e obras recentes que dialogam com o universo temático da moda, especialmente sua relação com a história e algumas de suas transformações temporais. De forma dialógica com outros autores, a pesquisa bibliográfica parte por identificar informações que sustentem o objetivo do trabalho (Michel, 2015). Em vista disso, é possível concluir que a moda anda em conjunto com a catástrofe porque favorece inúmeras crises locais, do plantio da matéria-prima, da extração do petróleo, da fabricação têxtil por meio de jornadas exaustivas, baixos salários e pouca legislação, até o destino final, em armários abarrotados de consumidores doentes ou em lixões de descartes espalhados pelo mundo. Tragédias crônicas.

Ainda que práticas como consumo consciente ou moda sustentável também sejam absorvidas pelo mesmo sistema que dizem enfrentar, alternativas possíveis aparecem na compra de produtos já existentes, como brechós e bazares – opções de contra consumo, mesmo que inviáveis para uma escala global, sobretudo pelo valor simbólico construído em torno da aquisição de uma roupa nova. Na mesma medida, alternativas críticas despontam na observação das linhas imaginárias de poder que nos cercam. Ou ainda, no estranhamento de contratos sociais que assimilamos e praticamos de maneira naturalizada, como o ato de vestir. Por último, uma nova alteridade com relação a moda, citada anteriormente, restituindo a humanidade das trabalhadoras e trabalhadores de indústria têxtil e reelaborando novas relações com o meio ambiente – ações que andam em direção contrária da catástrofe, mas também exigem a construção de um novo projeto social, inclusive com transformação radical no sistema econômico e político. Munidos das nossas roupas, estaremos dispostos ou unidos o suficiente para isso?

## Considerações finais

Pode uma peça de roupa representar uma catástrofe? Neste estudo, com o objetivo de reunir marcos temporais importantes da indústria de moda nas últimas décadas, roupa e catástrofe se tornaram duas categorias próximas, sobretudo em tempos de aceleração do consumo, do esgotamento dos recursos naturais e do trabalho escravo contemporâneo. Por meio da consolidação do mercado de moda rápida, do original *fast fashion*, termo surgido no ocidente no final da década de 1990 para tratar dos novos conglomerados populares por peças de baixo custo, esta pesquisa se voltou para a reflexão em torno dos processos têxteis, de forma dialógica. Moda capaz de apresentar nossas violências fundadoras, como a dominação de um, em nome da dependência do outro. Sistemas entrecruzados, a indústria do vestuário entretece gênero, território, raça social e classe, estabelecendo crises locais, mas igualmente globais. Além disso, as relações ambientais construídas na moda revelam aspectos importantes da produção em larga escala – insustentáveis por natureza. Não por acaso, a indústria têxtil se fortalece a partir da desigualdade, nos seus mais variados sentidos. Se parte significativa dessa estrutura permanece sistematicamente mais pobre e adoecida, a roupa pode então representar uma catástrofe socioambiental crônica, indicando precarizações e tragédias contínuas no mundo do trabalho, no consumo desmedido e nas relações nocivas com meio ambiente.

## Referências

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

BARTHES, Roland. **Imagem e Moda**. Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade**: uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

CARVALHO, Carlos Alberto; COSTA, Verônica Soares; JÁCOME, Phellipy Pereira; LEAL, Bruno Souza. Crise e catástrofe como categorias interpretativas das experiências humanas do tempo. **Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 01, p. 01-16, jan./abr., 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/43112>. Acesso em: 14 mar. 2025.

COSTA, Mila Fonteles Barbosa Ferreira; ZANETI, Izabel Cristina Bruno Bacellar. Impactos ambientais do fast fashion: o lixo têxtil internacional do Atacama, Chile. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 18, n. 53, p. 129-140, 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/15794>. Acesso em: 18 mar. 2025.

CRUZ, José da. **Ecología social de los desastres**. Montevideu: Coscoroba, 2003.

DELGADO, Daniela. Fast fashion: estratégia para conquista do mercado globalizado. **Revista Modapalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 01, n. 02, p. 03-10, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7598>. Acesso em: 19 mar. 2025.

DULCI, Luciana Crivellari. Globalização, moda e a cultura do consumismo. **Revista dObra[s]**, Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 08, n. 17, p. 81-89, 2015. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/13>. Acesso em: 19 mar. 2025.

**ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR**. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Nara Aragão e João Vieira Jr. Recife: Carnaval Filmes, 2019 (86 min.).

HOBBSAWM, Eric Ernest. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

HORN, Eva. **The future as catastrophe**: imagining disaster in the modern age. Nova Iorque: Columbia University Press, 2018.

LEE, Matilda. **Eco chic**: o guia da moda ética para a consumidora consciente. São Paulo: Larousse, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

MORAES, Dênis de. O capital da mídia na lógica da globalização. *In*: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 187-216.

PAÇO CUNHA, Elcemir; GUEDES, Leandro Theodoro. A incongruência do taylorismo à indústria têxtil como sistema de máquinas no Brasil e nos Estados Unidos. **Revista Eletrônica de Administração**, [S. l.], v. 27, n. 03, p. 663-692, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/110072>. Acesso em: 18 abr. 2025.

PAIXÃO, Maria Cristina Tavares Lacerda Mansur; KANAMARU, Antônio Takao. Indústria de moda global e comércio justo. 13º Colóquio de Moda, Bauru, 2017. **Anais [...]**. Bauru, 2017. Disponível em: <https://coloquiodemoda.abepem.org/edicao13/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

REFOSCO, Ereany; PESSOA, Juliana. A terceirização nas indústrias de vestuário. 9º Colóquio de Moda, Fortaleza, p. 01-12, 2013. **Anais [...]**. Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202013/ARTIGOS-DE-GT/Artigo-GT-Design-e-Processos-de-Producao-em-Moda/A-terceirizacao-na-industria-de-vestuario.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2025.

RENEDO, Mónica García. **El 11-m: un estudio sobre su impacto psicológico desde el entorno familiar y escolar en alumnos de infantil y primaria**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia), Universitat Jaume I, Castelló de la Plana, Castellón, Espanha. Disponível em: <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/10526/grenedo.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. *In*: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p. 21-36.

SCHULTE, Neide Köhler; LOPES, Luciana; ALESSIO, Monik Aparecida; FREITAS, Beatriz. A moda no contexto da sustentabilidade. **Revista Modapalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 06, n. 12, p. 194-210, 2013. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/3485>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SODRÉ, Muniz. Globalismo como neobarbárie. *In*: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 21-40.

SOUZA, Carolina Conceição e. Autenticidade e slow fashion: possibilidades e

caminhos para um consumo mais consciente. Forum Fashion Revolution, São Paulo, p. 73-75, abr, 2018. **Anais [...]**. São Paulo: Movimento Fashion Revolution, 2018. Disponível em: [https://www.fashionrevolution.org/wp-content/uploads/2019/01/FR\\_forum\\_2018.pdf](https://www.fashionrevolution.org/wp-content/uploads/2019/01/FR_forum_2018.pdf). Acesso em: 15 de mar. 2025.

SOUZA, Nádya Estefânia de; EMÍDIO, Lucimar de Fátima Bilmaia. Diferenciação e sustentabilidade a partir do redesign de roupas de brechó: um modelo de estratégia produtiva. **Revista ModaPalavra e-Periódico**, Florianópolis, n. 09, p. 24-41, 2015. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/6862>. Acesso em: 19 mar. 2025.

**THE TRUE COST**. Direção: Andrew Morgan. Produção: Michael Ross. Roteiro: Andrew Morgan. Los Angeles: Life is my Movie Entertainment; Untold Productions. Licença legal do canal Plot 11, 2015 (92 min.).